**SEMINÁRIO ARQUIVOS PESSOAIS E SOCIEDADE**

**08 A 10 DE ABRIL DE 2024**

**SUBMISSÃO DE PROPOSTA EM GRUPO DE TRABALHO**

**GT 1 - PESQUISAS ACADÊMICAS**

**As “emoções patrimoniais” nos arquivos pessoais: as relações entre o afeto e a preservação de patrimônios**

**Palavras-chaves**: Arquivo Pessoal; Patrimônio Documental; Emoção Patrimonial; Afeto; Preservação.

**RESUMO**

Os documentos são suportes materiais da memória e em perspectiva ampla abarcam variadas formas de apresentação (LE GOFF, 1996). Na perspectiva material, os conjuntos documentais são, portanto, a parte tangível da memória social. No que se refere à ação de preservar e/ou descartar, nos arquivos pessoais existem indícios de que, além da guarda dos documentos decorrentes das obrigações legais, também está presente nesta documentação a manutenção por conta das relações de afeto. Esta pesquisa busca evidenciar a importância da memória e do necessário envolvimento sentimental para a manutenção dos arquivos pessoais, que podem ser considerados um dos possíveis “espaços de recordação” (ASSMANN, 2011). O mesmo envolvimento sentimental também é necessário na esfera da preservação do patrimônio, por meio do reconhecimento da existência das “emoções patrimoniais” (FABRÉ, 2013) e da necessidade do estabelecimento da “ressonância” (GONÇALVES, 2005) entre o bem e os sujeitos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa possui viés qualitativo, feita a partir de revisão de literatura com embasamento teórico das áreas de Arquivologia, História e Memória Social.

Podemos inferir que no caso dos documentos pessoais, o afeto inicialmente é relacionado a quem produz e acumula a documentação em seu arquivo pessoal, ou seja, no momento da acumulação esse sentimento é uma exclusividade do sujeito produtor. Apenas posteriormente, quando e se houver o envolvimento de mais sujeitos é que aquela documentação poderá ser considerada patrimônio e será formalmente institucionalizada. Para tanto, o arquivo pessoal necessita ter uma função social e, portanto, ser capaz de provar, lembrar-se, compreender e identificar-se (DELMAS, 2010). No caso dos arquivos pessoais, podemos observar que as duas primeiras funções são perceptíveis ainda nos momentos de uso da documentação feitas pelo próprio titular, já as duas últimas, quando ao arquivo é atribuído o status de patrimônio.

Desse modo, sem negar os aspectos políticos envoltos na patrimonialização de acervos, entendemos que o afeto é um dos pilares que possibilita a existência e a transmissão de patrimônios de geração em geração.

**Referências**

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?**: textos escolhidos / Bruno Delmas; tradução de Danielle Ardaillon. – São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.

FABRÉ, Daniel. Émotions patrimoniales. Paris: **Maison Des Sciences de L‘homme**, 2013. p. 13-98. (Ethnologie de la France). Disponível em: https://books.openedition.org/editionsmsh/3580. Acesso em: 10 mar. 2024.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. vol. 11 nº 23, Porto Alegre, Jan./Jun 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-71832005000100002. Acesso em: 02 mar. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996. p. 535 - 549.